



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre | **Abril 2020**

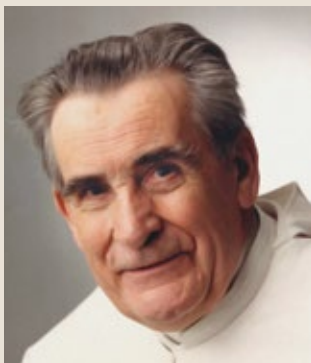




EVANGELIZAÇÃO

Abril: Libertação das dependências

Rezemos para que todas as pessoas sob a influência de dependências sejam bem ajudadas e acompanhadas.



Pe. Werenfried van Straaten, fundador da AIS

Dantes, o poder incomensurável do império romano combatia no campo de batalha contra a jovem Igreja. O sangue fluía em torrentes.

Assassinos, carrascos e traidores faziam tudo para destruir o pequeno rebanho de Jesus.

Mas ele cresceu, apesar de todas as ameaças, enquanto que do império romano só restam ruínas....

Entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus

Foi na aparição de 13 de Julho que Nossa Senhora revelou aos Pastorinhos o segredo, nas suas três partes: a visão do inferno, o pedido para consagrar o mundo e a Rússia ao Imaculado Coração de Maria e a devoção dos primeiros sábados. A terceira parte só foi dada a conhecer no ano 2000. Nessa altura Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos que não dissessem a ninguém. Depois acrescentou: “em Portugal manter-se-á sempre o dogma da fé”. Esta promessa parece sugerir uma iminente e generalizada apostasia da fé mesmo no interior da Igreja, na qual Portugal seria um pequeno oásis onde a fé, na sua pureza, se manteria.

Esta promessa de Nossa Senhora representa uma graça e uma responsabilidade. Uma graça, porque, se não fosse a assistência divina e a especial protecção de Nossa Senhora, a Igreja em Portugal não seria poupada a esta generalizada apostasia; uma responsabilidade, porque estaria confiada à Igreja em Portugal uma especial missão profética. E parece-me que os

tempos desta graça e desta missão chegaram.

De facto, a Igreja atravessa neste momento, como a barca de Pedro uma noite na travessia do mar, uma violenta tempestade, em que os fundamentos da fé e da moral são abalados. São tempos em que é posta à prova a nossa fé, naquela palavra do Senhor, que é a nossa única esperança: *as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (Mt 16,18). E ainda aquela que o Senhor, no meio da tempestade, acalma os apóstolos dizendo: “Tranquilizai-vos, sou Eu: não temais!” (Mc 6,50).

Como será possível reconhecer o Senhor no meio da turbulência, da tempestade por que passa hoje a Igreja? Só o olhar da fé pode reconhecer esta presença: o Senhor é fiel! Está lá! É preciso ter confiança, como aquele menino que estava sozinho em casa, num segundo andar de um prédio em chamas. Na varanda gritava pelo pai. O pai, em baixo, diz-lhe: “Atira-te da varanda!” “Mas eu não vejo nada!” “Atira-te, não tenhas medo.

Reflectir

Eu estou a ver-te.” E o menino atirou-se e foi acolhido nos braços do pai.

Em muitas ocasiões a fé será atirar-se no vazio, confiante na palavra do Senhor. Como aquele jovem que eu acompanho e que sofre de cancro no sistema linfático há cinco anos. Procuremos ver, dizia eu aos pais, o que o Senhor quer dizer-nos com esta “visita”. Há uns dois anos deu este testemunho: agora acredito verdadeiramente que Deus existe, pois Ele mostrou-me o seu amor na minha doença.

A fé é isto! E a Igreja, que hoje atravessa a história no meio das *perseguições do mundo*, continua a sentir as *consolações de Deus*, como já no tempo de Santo Agostinho [354-430], tão obscuro ou mais do que o nosso, com guerras, perseguições, destruições e epidemias tão graves ou talvez ainda mais do que o *coronavírus*. E como no tempo de S. Gregório Magno [450-604] ou de S. Carlos Borromeu [1538-1584], em Milão, devastada pela peste, de que o Santo Cardeal foi vítima na assistência aos infectados. E, então, ela manteve-se firme na fé, prestando o auxílio que só ela pode dar, a todos os aflitos do corpo e da alma, mantendo sempre as portas abertas, sendo abrigo e refúgio para todos os seus filhos.

Nas circunstâncias actuais, vem-me à mente a palavra do Senhor: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode fazer perecer na Geena o corpo e a alma. Não se vendem dois pássaros por uma pequena moeda? E nem um deles cairá por terra sem o consentimento do vosso Pai! Quanto a vós, até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados! Não temais, pois valeis mais do que muitos pássaros” (Mt 10,28-31).

Nas circunstâncias actuais, façamos nossas as palavras deste salmo: “O SENHOR é meu pastor: nada me falta. Em verdes prados me faz descansar e conduz-me às águas refrescantes. Reconforta a minha alma e guia-me por caminhos rectos, por amor do seu nome. Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo, porque Tu estás comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me confiança” (Sl 23).

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície

238.537 km²

População

28.033.000 habitantes

Religiões

Cristãos: 64,5 %

Muçulmanos: 19,9 %

Religiões tradicionais: 15,1 %

Outras: 0,5 %

Língua oficial

Inglês



GANÁ

UM ILHÉU DE ESTABILIDADE NUMA REGIÃO ATORMENTADA

País fronteiro com o Burkina Faso, onde a Igreja se tornou o alvo dos jihadistas, o Gana parece ter sido preservado da violência. Um país que se distingue pela estabilidade política, o crescimento económico e a coexistência religiosa.

“Gana, um país fascinante com uma natureza e uma fauna de cortar a respiração”, “o país do ouro, famoso pelas suas antigas fortalezas e praias isoladas”, são habitualmente os títulos das brochuras turísticas. E é verdade que são cada vez mais os turistas que vêm à descoberta da República do Gana, considerado um dos países mais

estáveis de África, tanto política como economicamente, enquanto a norte o Burkina Faso mergulha na violência.

As mudanças de Governo dão-se geralmente com tranquilidade e revelam uma verdadeira estabilidade democrática. Em Dezembro de 2016, o país passou, de forma perfeitamente



A ausência de infraestruturas complica as trocas comerciais no Gana. À falta de uma ponte, as motas são transportadas em canoas.

serena, pela sua sétima eleição democrática desde a sua independência em 1957. “O Gana é um país muito pacífico”, explica o Pe. Paul, secretário do Bispo de Damongo, no norte do país, “mas pode haver rivalidades entre tribos diferentes ou conflitos de chefes. Foi, nomeadamente, o caso de Yendi, durante quase duas décadas, até Janeiro de 2019. Mas, no geral, os Ganeses são pessoas muito pacíficas.”

Para D. Pierre Paul Angkyier, Bispo de Damongo, esta estabilidade política favorece o crescimento económico do Gana. Este aumenta há vários anos e a proporção da população que vive abaixo do limiar da pobreza diminuiu para metade desde o princípio dos anos 90, passando de 52 % em 1992

para 23,4 % em 2016, segundo o Banco Mundial.

PAÍIS COM UMA ECONOMIA DINÂMICA

Recursos naturais abundantes – petróleo, gás, ouro e cacau – associados a uma situação política pacífica e estável contribuem para o desenvolvimento da antiga colónia britânica. Sendo a economia fortemente dependente das exportações de matérias-primas vulneráveis às flutuações do mercado mundial, o Governo dirigido pelo presidente Akufo-Addo, no poder desde 2017, põe a tónica no papel do sector privado. Isto cria mais empregos, ainda que a maior parte estejam no sul. “As pessoas formadas partem para Acra, capital do país, porque não temos muitos empregos aqui no norte e isso



A pequena aldeia rural de Masimpa, na Diocese de Damongo, foi construída com materiais tradicionais, palha e colmo.

é um problema”, explica o Pe. Lazarus Annyereh que trabalha na província de Tamale. Outrora, os jovens voltavam durante a estação das chuvas para ajudar a família no trabalho do campo. Mas isso acontece cada vez menos, porque não podem deixar o emprego durante os quatro ou cinco meses que duram as colheitas.

Todavia, o afastamento entre o Norte e o Sul do país não pode ser ignorado. Enquanto o sul beneficia das explorações auríferas e do turismo, o norte é sempre prioritariamente rural e fortemente dependente da agricultura. Entretanto, a estação das chuvas é cada vez mais curta. À exceção das grandes cidades como Tamale – que é aliás uma das cidades da África ocidental com crescimento mais rápido

– a população vive, principalmente, em casas de terra batida. Conforme a tribo, estas podem ser redondas com uma cabana maior para o pai de família e outras mais pequenas para as suas numerosas esposas e filhos. Embora esteja a diminuir, a poligamia é uma realidade muito generalizada nesta parte do país.

País multiétnico – com mais de 70 etnias diferentes – o Gana tem uma grande diversidade de culturas, tradições e línguas. Praticamente cada tribo tem as suas próprias crenças que são muitas vezes incorporadas na religião oficial. Quase 65% dos Ganeses são cristãos, principalmente protestantes, e há cerca de 10% católicos. Os Muçulmanos representam cerca de 20% da população e 15% dizem



D. Peter Paul Angkyier, Bispo da Diocese de Damongo.

pertencer às religiões tradicionais, principalmente no norte do país onde algumas regiões têm, por vezes, mais de 80% de animistas.

“Ao contrário do espiritismo e da bruxaria, aqui o vodu não é um problema”, diz o Pe. Sebastian Zaato, de Tamale. Uma constatação partilhada pelo Pe. Joseph Sukpe, de Yendi. Uma comunidade próxima da sua paróquia queria matar um rapaz de 8 anos, deficiente físico e mental, porque o consideravam responsável pela morte de um jovem. “Eles acreditam que a alma de uma pessoa se solta do corpo durante o sono”, explica o sacerdote. “Durante a noite, uma alma possuída pode vagar e matar os outros. Estavam convencidos que a alma do rapaz atacava os inocentes.” O pai, o pastor fetichista da comunidade,

contactou imediatamente um catequista confiando-lhe a vida do seu filho. Hoje, o rapazinho vive num orfanato situado a mais de 200 km, onde as Irmãs Marianas do Amor Eucarístico cuidam dele e de mais de 70 crianças a quem as pessoas chamam “as crianças feiticeiras”. Mas o Pe. Joseph acrescenta: “Para mim é também o começo de qualquer coisa nova. O pastor fetichista ficou, de repente, com dúvidas acerca das suas próprias crenças, porque estas não podiam salvar o filho que ele amava.”

Oração

Para que, a par do desenvolvimento económico e da estabilidade política, a paz continue a existir no Gana, nós Te pedimos Senhor!



Enquanto não se constrói a igreja, os bancos estão empilhados no lugar onde é celebrada a Missa.

ANIMISMO

Confrontadas com uma dificuldade de ordem médica ou financeira, as pessoas não hesitam em dar grandes somas de dinheiro a adivinhos ou a seitas cristãs que prometem cura e riqueza, na esperança de receberem uma resposta imediata para o seu problema. Uma procura de instantaneidade que constitui um verdadeiro desafio para a Igreja. O Pe. Martin Muosayir, antigo professor de teologia num dos grandes seminários do país, pensa que, na verdade, muitos cristãos não sabem como rezar. “Pedem-me para rezar em vez deles” explica. “Mas eu respondo-lhes que rezar é como comer: eu não posso comer por eles. Não têm interiorização.”

Como na maior parte dos países africanos, a Igreja no Gana vê-se confrontada com numerosos desafios. O Governo não faz o suficiente em matéria de educação, de desenvolvimento ou de acesso aos cuidados de saúde e, sem a Igreja Católica, certas regiões não teriam escola, hospital ou água potável. No norte do país, antes da criação da Diocese de Damongo, em 1995, mais de 92% das mulheres e das raparigas desta região eram analfabetas, bem como 74% dos homens e dos rapazes. Esta situação mudou bastante desde que o antigo arcebispo trabalhou para a construção de escolas e de centros de formação profissional. “A educação é importante para a consolidação da paz”, acrescenta o Pe. Lazarus, “principalmente quando se trata de conflitos

A Irmã Stan Terese Mumuni ao serviço dos “filhos da feiticeira” rejeitados pela população.

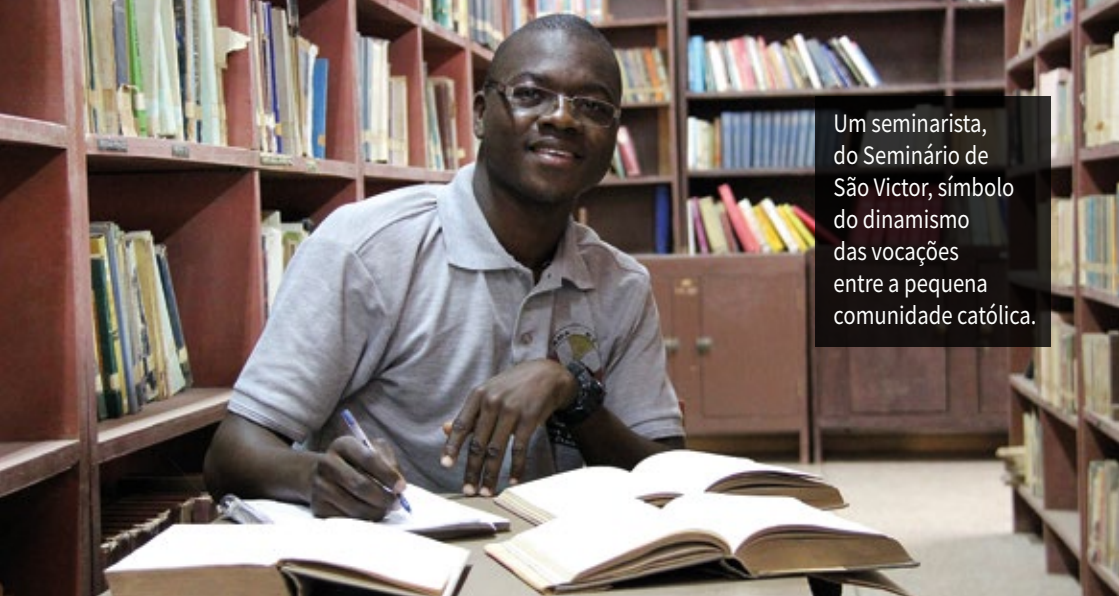


tribais. Constatámos que estes litígios diminuíram nesta região.”

Na origem destes conflitos estavam problemas causados pela tribo nómada dos Fulani. Se bem que não sejam oficialmente conhecidos nem estejam registados como tribo no Gana, vagueiam com o seu rebanho e muitas vezes destroem as explorações dos agricultores, principalmente no sul, onde as pastagens são mais abundantes. Mas, graças à acção da Igreja, certos grupos de agricultores e de Fulani começam a dialogar, embora este conflito não tenha tomado proporções tão dramáticas como na Nigéria, Burkina Faso ou outros países africanos. No entanto, face à multiplicação dos ataques nos países vizinhos, a Igreja está vigilante: “Debatemos medidas de segurança à volta das nossas igrejas”, conta D. Peter Paul Angkyier, “porque temos consciência das ameaças. Temos obrigação de proteger os nossos lugares de culto

mas, no momento presente, não é com soldados nem polícias. Educamos o nosso povo para ter os olhos abertos, estar vigilante e, como é óbvio, continuar a dialogar.” Aliás, certas dioceses organizaram sessões de formação sobre as medidas de segurança.

Apesar da Igreja Católica estar muito empenhada no país com escolas, hospitais e diálogo inter-religioso, alguns criticam a sua atitude missionária que poderia ter destruído a espiritualidade ganesa. “Por causa da sua ignorância e da sua falta de abertura, os primeiros missionários, chegados em 1880, vieram com a convicção de que não havia nada de bom na cultura ganesa”, lamenta D. Peter-Paul Angkyier, “embora alguns símbolos da religião tradicional sejam pertinentes para o desenvolvimento da fé. Mas, com o decorrer dos anos e em particular após o Concílio Vaticano II, a Igreja tomou consciência da necessidade de se inculturar.” Hoje,



Um seminarista, do Seminário de São Victor, símbolo do dinamismo das vocações entre a pequena comunidade católica.

a Igreja tem consciência que a Palavra de Deus se vive numa cultura existente. E é, aliás, fascinante constatar que esta cultura ganesa tradicional e a Igreja Católica partilham um certo número de valores como a importância dada à dignidade da pessoa humana

Oração

*Para que o povo do Gana se fortaleça nos seus valores cristãos e consiga resistir à ameaça islâmica, da feitiçaria e das seitas, **nós Te pedimos Senhor!***

RELIGIÕES TRADICIONAIS

No Gana, as religiões tradicionais ainda têm uma forte influência, apesar da presença do Cristianismo e do Islão. Caracterizam-se nomeadamente pela veneração dos antepassados mortos, que se acredita estarem sempre presentes, observando todas as acções dos vivos, sendo assim uma ligação com o mundo espiritual.

EVANGELIZAÇÃO

O Cristianismo entrou no Gana por três portas: Cape-Coast, situada ao sul, onde os padres católicos chegaram com os primeiros colonos portugueses, em 1482; a região de Ho, no sudeste, onde a primeira igreja evangélica presbiteriana foi fundada em 1847; e a porta norte, Navrongo, onde a primeira missão católica foi estabelecida, em 1906, por missionários franco-canadianos vindos do Burkina Faso. Daí dirigiu-se para o centro do Gana.



QUE SENTIDO TEM A PÁSCOA?

1. Quinta-feira Santa

Todas as vidas cabem na imagem quotidiana do pão que se parte e reparte. **As vidas são coisas semeadas, crescidas, maturadas, ceifadas, trituradas, amassadas: são como pão.** Não apenas degustamos e consumimos o mundo: dentro de nós vamos percebendo que o tempo também nos consome, nos gasta, nos devora. Somos uma massa que se quebra, uma espessura que diminui.

A questão é saber com que sentido e intensidade vivemos este tráfico inevitável. Todos nos gastamos, certo. Mas em que comércios? Todos sentimos que a vida se parte. Mas como tornar esse facto trágico numa afirmação fecunda e plena da própria vida?

Por isso espantam as palavras de Jesus. Ele pegou no pão e disse: “Tomem e comam, pois este pão é o meu corpo entregue por vós”. A Eucaristia, por vezes repetida como mero culto ou rotineiro signo de pertença sociológica, é, na verdade, o lugar vital da decisão sobre o que fazer da vida. Todas as vidas são pão, mas nem todas são Eucaristia, isto é, oferta radical de si, entrega, doação, serviço. **Todas as vidas chegam ao fim, mas nem todas vão até ao fim no parto dessa utopia (humana e divina) que trazem inscrita. É destas coisas que a Quinta-feira Santa fala.**

2. Sábado Santo

O sábado santo não é apenas um dia imenso: é um dia que nos imensa. Aparentemente representa uma espécie de intervalo entre as palavras finais de Jesus pronunciadas na sexta-feira santa, “tudo está consumado”, e a Insurreição da vida que, na manhã da Páscoa, ele mesmo protagoniza. O sábado tem assim um silêncio que não se sabe bem se é ainda o da pedra colocada sobre o túmulo, ou se é já aquele misterioso silêncio que prepara “o grande levantamento” que a ressurreição significa. **Este “intervalo”, esta terra de ninguém, este tempo amassado entre derrotas e esperança, entre provação e júbilo é o da nossa vida. O silêncio do sábado santo é o nosso silêncio que Jesus abraça.** O silêncio dos impasses, das travessias, dos sofrimentos, das íntimas transformações. Jesus abraça o silêncio desta sôfrega indefinição que somos entre já e ainda não.

3. Manhã de Domingo

É quase paradoxal o modo como os Evangelhos contam a Ressurreição. Desconcerta que não exista, nos discípulos, uma crença imediata, que não considerem as provas avançadas sem refutação ou não tomem os primeiros testemunhos por inabaláveis. **A notícia da Ressurreição começa por ser vivida com suspeita, desconfiança, receio, distância.** A frase de Tomé, **“Se eu não o vir não acredito”**, é, no fundo, a posição de todos. A notícia circulava em voz baixa, como uma insinuação que não era tomada muito a sério. Os dois discípulos de Emaús já a tinha ouvido, mas mesmo assim estavam dispostos a abandonar tudo. Contudo, **o anúncio da Ressurreição vai crescendo.** Mesmo não acreditando nas mulheres, Pedro e João correm ao sepulcro. E João vê o silêncio dos sinais e acredita. Os dois discípulos foragidos reconhecem Jesus numa hospedaria de estrada e regressam a Jerusalém. O próprio Ressuscitado vem ao encontro de Pedro e dos discípulos atravessando as portas que eles tinham fechado. E Jesus estende as mãos às dúvidas de Tomé. **Pouco a pouco, é em torno àquilo que primeiro declararam impossível que eles se reúnem e vivem.**

Recordo-me do conselho despretensioso que um Padre do Deserto dava a quem o interrogava insistentemente sobre os mistérios de Deus: **“Entra apenas. Permanece até ao fim. E sai mudado”.**

In https://www.snpcultura.org/que_sentido_tem_a_pascoa.html

Cada pessoa “é uma história de amor que Deus escreve”



Hoje encontramos aquela que, segundo os Evangelhos, viu em primeiro lugar Jesus ressuscitado. Maria Madalena. Tinha terminado há pouco o descanso do sábado. No dia da paixão não tinha havido tempo para completar os ritos fúnebres; por isso, naquela aurora repleta de tristeza, as mulheres vão ao túmulo de Jesus com os unguentos perfumados.

A primeira a chegar é ela: Maria de Magdala, uma das discípulas que tinham acompanhado Jesus desde a Galileia, colocando-se ao serviço da Igreja nascente. No seu trajecto para o sepulcro reflecte-se a fidelidade de muitas mulheres que durante anos são devotas dos caminhos dos cemitérios, em memória daqueles que já não existem. **Os laços mais autênticos não são quebrados nem sequer pela morte: há quem continue a querer bem, mesmo se a pessoa amada se foi para sempre.**

O Evangelho descreve Madalena colocando desde logo em evidência que não era uma mulher de entusiasmos fáceis. Com efeito, após a primeira visita ao sepulcro, ela volta desiludida para o lugar onde os discípulos se escondiam; informa que a pedra tinha sido deslocada da entrada do sepulcro, e a sua primeira hipótese é a mais simples que se pode formular: alguém deve ter roubado o corpo de Jesus. Assim o primeiro anúncio que Maria leva não é o da ressurreição, mas de um furto que desconhecidos perpetraram, enquanto toda a Jerusalém dormia.

Depois os Evangelhos narram uma segunda viagem de Madalena para o sepulcro de Jesus. Era teimosa, foi e voltou, não se convencia. Desta vez o seu passo é lento, pesadíssimo. Maria sofre duplamente: antes de tudo pela morte de Jesus, e depois pelo inexplicável desaparecimento do seu corpo.

E enquanto está inclinada para o túmulo, com os olhos repletos de lágrimas, Deus surpreende-a da maneira mais inesperada. O evangelista João sublinha o quanto é persistente a sua cegueira: não se dá conta da presença de dois anjos que a interrogam e nem sequer suspeita ao ver o homem nas suas costas, que pensa ser o jardineiro. **Em vez disso descobre o acontecimento mais impressionante da história humana quando finalmente é chamada pelo nome: “Maria!”**

Como é belo pensar que a primeira aparição do Ressuscitado tenha ocorrido de um modo tão pessoal! **Que há alguém que nos conhece, que vê o nosso sofrimento e desilusão, que se comove por nós e nos chama pelo nome.** É uma lei que encontramos esculpida em muitas páginas do Evangelho. Em torno de Jesus há muitas pessoas que procuram Deus; mas a realidade mais prodigiosa é que, muito antes, **é Deus que se preocupa pela nossa vida, quer reerguê-la, e para fazer isso chama-nos pelo nome, reconhecendo o rosto pessoal de cada um. Cada homem é uma história de amor que Deus escreve sobre esta terra. Cada um de nós é uma história de amor, a cada um de nós Deus chamam pelo próprio nome, conhece-nos com o nosso nome, olha-nos, chama-nos, perdoa-nos, tem paciência infinita connosco.**

Meditação

“Maria!”: a revolução da sua vida, a revolução destinada a transformar a existência de cada homem e mulher, começa com um nome que ecoa do jardim do sepulcro vazio. Os Evangelhos descrevem-nos a felicidade de Maria: a ressurreição de Jesus não é uma alegria dada a conta-gotas, mas uma cascata que atinge toda a vida. A existência cristã não é tecida de felicidades macias, mas de ondas que varrem tudo. **Experimentai pensar, também vós, neste instante, com a bagagem de decepções e derrotas que cada um de nós traz no coração, que há um Deus próximo de nós que nos chama pelo nome e nos diz: “Reergue-te, pára de chorar, porque vim libertar-te!”**. É belo isto!

Jesus não é alguém que se adapta ao mundo, tolerando que nele perdurem a morte, a tristeza, o ódio, a destruição moral das pessoas. O nosso Deus não é inerte, e quero usar esta palavra, **o nosso Deus é um sonhador, sonha a transformação do mundo e realizou-a no mistério da ressurreição.**

Maria desejava abraçar o seu Senhor, mas Ele está desde então orientado para o Pai celeste, enquanto ela é enviada a levar o anúncio aos irmãos. E assim aquela mulher, que antes de encontrar Jesus estava à mercê do maligno, torna-se agora apóstola da nova e maior esperança. **A sua intercessão nos ajude a viver também nós esta experiência: na hora do pranto e do abandono, escutar Jesus ressuscitado que nos chama pelo nome, e com o coração repleto de alegria ir anunciar: “Vi o Senhor!”, mudei de vida porque vi o Senhor, agora sou diferente do que era antes porque vi o Senhor, sou diferente! Esta é a nossa força e esta é a nossa esperança!**

Papa Francisco, Audiência geral, 17 de Maio de 2017

Mártires e Heróis do Amor



196 cristãos assassinados no Domingo de Páscoa **SRI LANKA**

No Domingo de Páscoa, 21 de Abril de 2019, três igrejas cristãs foram alvo de terroristas islâmicos no **SRI LANKA**. As três estavam cheias de fiéis que celebravam a festa da Ressurreição.

Morreram 114 pessoas no atentado à bomba na Igreja de São Sebastião, na cidade de Negombo, a norte da capital. Outros 27 morreram na Igreja protestante de São, em Batticaloa. A terceira explosão ocorreu na Igreja e Santuário de Santo António, no distrito de Kotahena da capital, Colombo, matando mais 54 pessoas.

Os jihadistas escolheram os seus alvos deliberadamente. A Igreja católica de Santo António em Colombo é uma das igrejas mais importantes do Sri Lanka e, ao mesmo tempo, é um santuário nacional visitado por milhares de pessoas, incluindo muitos não-cristãos.

Oremos: Por cada uma das famílias vítimas desta barbárie terrorista. Que encontrem na Ressurreição do Senhor a esperança para seguir em frente.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj, Maria de Fátima Silva, Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © AIS

CAPA *A Agonia no Horto*, Frans Schwartz
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561/12
ISSN 2182-3928

Isento de registo na ERC ao abrigo do Dec. Reg. 8/99 de 9/6 art.º 12 n.º 1 A



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt